

# Histórias do arco da...maloca

- Três pesquisadoras colocam no papel o depoimento de mais de três horas do índio Pichuvy Cinta Larga e transformam as lendas de um povo numa mostra do que é o extermínio programado

**E**m apenas 18 anos, a população indígena Tupi Mondé decresceu em 80 por cento. O dado sobre o grupo que inclui os Cinta-Larga, Zoró, Suruí e outras tribos passaria até despercebido se não fizesse parte de um relato de um próprio índio. O avanço do homem branco e a interrelação — nada voluntária — entre as duas culturas mereceu horas de gravação de três pesquisadoras. O resultado foi editado — é *Mantere Ma Kwé Tinhim — Histórias de Maloca Antigamente*.

A história da destruição e vde várias tribos do noroeste do Brasil, contada por Pichuvy Cinta Larga, parece mais real que a maioria das denúncias. As organizadoras do texto optaram por manter a linguagem oral, para dar mais veracidade à narrativa. O índio, que morreu no ano passado vítima de um acidente de automóvel tenta resgatar um pouco da cultura dos Cinta-Larga, que atualmente somam apenas mil pessoas no atual estado de Rondônia.

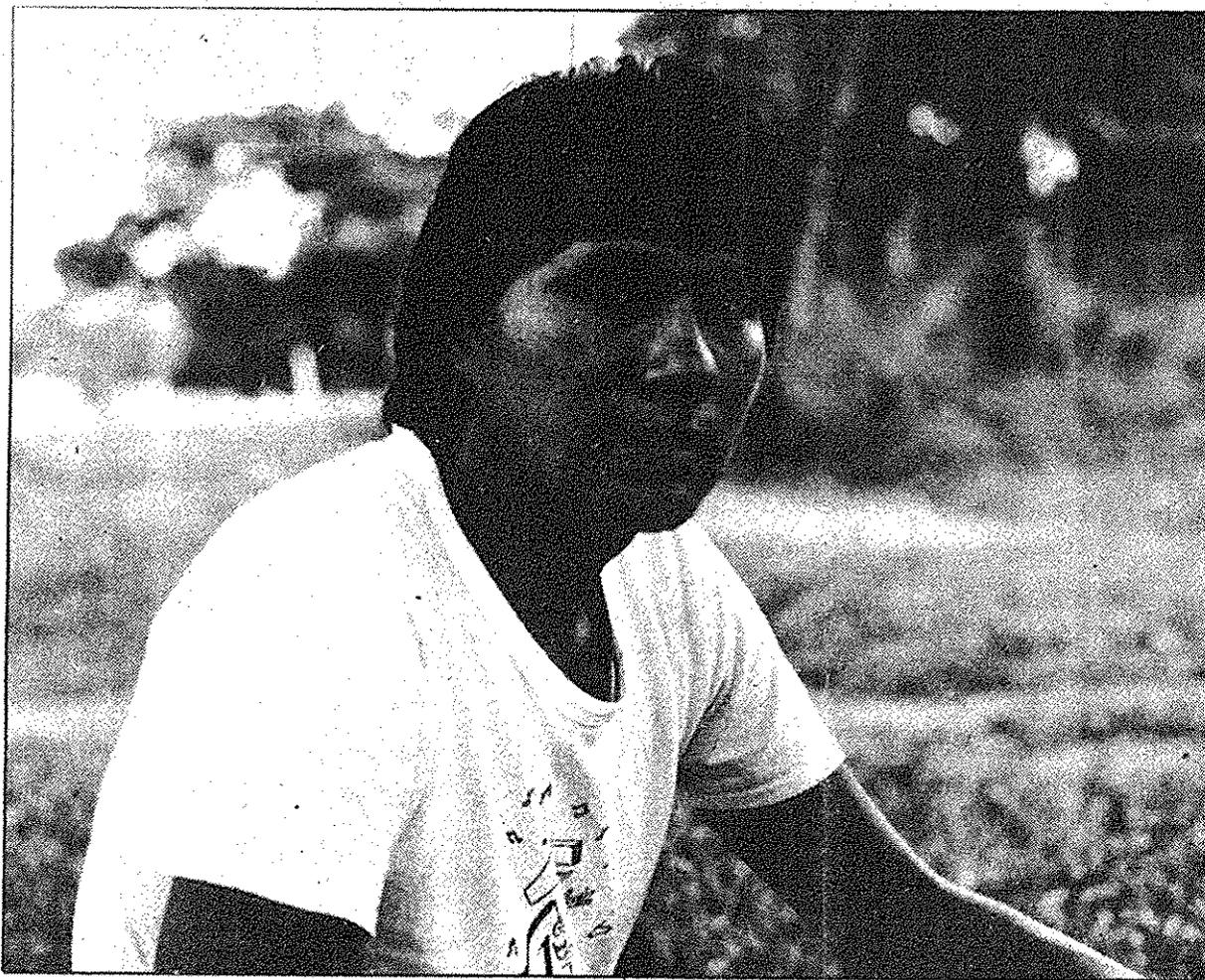
A primeira devastação chegou a Rondônia e ao noroeste do Mato Grosso no rastro do Marechal Rondon. A caça ao índio estava aberta e após quase 60 anos, o massacre do paralelo 11, nas cabeceiras do rio Juína, alertava para um futuro próximo e trágico. A Amazônia como um todo surgia como pólo de atração para quem queria emigrar fácil. Começaram a explorar a mineração e a borracha. Como economia e preservação geralmente não caminham juntas, o jeito foi dizimar a população indígena da área.

A matança não atingiu apenas as vidas. Dizimou também uma cultura que só através desta comunicação oral consegue ser preservada. E a própria cultura pode ser dividida entre antes e depois dos brancos. Desde as primeiras expedições, o civilizado procurou se meter em tudo ao que referia aos costumes índios. Somente a força da crença mítica de todos estes povos evitou um massacre cultural maior e o resgate, com discurso de Pichuvy Cinta-Larga, concretiza-se.

**Tradição** — Quem conhece os princípios básicos do Cristianismo, vai se deparar com muitas semelhanças na tradição dos Cinta-Larga. *Ngurá*, a primeira entidade mítica desVendada por Pichuvy, é o próprio Deus cristão em outra versão — o criador, que tem um filho e orienta toda a vida. Mas a semelhança para por aí. Os índios também cultuam *Bepuixi*, o dono da chuva, *Pokái*, o fogo e temem *Pawo*, o dono do mato, entidade negativa do universo Cinta-Larga.

Tudo parece mais verdadeiro ainda na linguagem do índio Cinta-Larga. O leitor tem a impressão de estar ouvindo o índio tentando se comunicar num português errado gramaticalmente, mas familiar. Além dos deuses, o livro parte para uma série de crônicas, onde se relata o *Ngoin Mangá Verebá*, ou o fato do superior *Ngurá* ter destruído o mundo já por três vezes. O relato se detém também em discussões mais terrenas, como o casamento — *Asaid Nã* — e os poderes do pajé *Wáwá*.

Este remanescente dos Cinta-Larga, que não viveu o bastante para ver sua narração publicada, mostra agora para o mundo dos brancos que a importância que os índios dão à natureza não é apenas folclore. Ao lado dos mitos e dos costumes, Pichuvy Cinta-Larga relata muitas histórias acerca de elementos como o cipó *Ndapúa*, a onça *Neku*, *Sunkip*, o filho de Mutum e o besouro *Alá*, entre outros. Não são simples descrições de um observador pouco íntimo com as florestas, mas contos onde os animais são dotados do poder da fala e são os interlocutores de sua própria história.



**PICHUVY**  
Morto ano passado, ele deixou um testemunho literário com força de denúncia

**Agressão** — Junto com a tradição dos indígenas de Rondônia, as histórias de Pichuvy Cinta-Larga demonstram claramente a agressão sofrida por todos os povos indígenas. No próprio discurso o vocabulário já é entremeado de expressões apreendidas neste processo de aculturação. Em um dado momento da narrativa, ele cita a expressão "ficar muito doído" referindo-se a um cigarro. Em diversas passagens, o ato sexual é destacado, mas sempre com a alcinha do branco — *transar*.

Mais do que na linguagem, no entanto, a presença nociva do branco aparece nas histórias. A influência se dá, por exemplo, quando os Cinta-Larga aprendem as relações familiares dos invasores e condenam a si próprios pelo antigo costume de se casarem com a sobrinha — um laço de parentesco insignificante para eles, até então. Outro costume repreendido pelos brancos é o de enterrar os mortos dentro de casa. E quem acha que a palavra agressão é exagero, vale atentar para o nome de um dos protagonistas dos relatos de Pichuvy — *Roberto Carlos* — copiado de um garimpeiro.

A arte de contar histórias consegue, mais uma vez, transpor as barreiras da dominação cultural e da extermínio física. As pesquisadoras Ana Leonel Queiroz, Ivete Lara Walty e Leda Leonel traduzem para o mundo dito civilizado as agruras desta aculturação de uma maneira informativa, e assustadora para quem desconhece este raio de destruição. A partir da perspectiva de morador da Área Indígena Roosevelt, em Rondônia, Pichuvy entra na mítica indígena e acaba na salada mista formada pela intervenção da Funai e a influência do branco não-oficial, destruidor implacável.

Este resgate da história do povo indígena ainda não tem data de lançamento em Brasília. Na capital paulista, a compilação das três pesquisadoras foi lançada ontem, em noite de autógrafos.

**MANTERE MA KWÉ TINHIM** (Histórias de Maloca Antigamente) — Pichuvy Cinta Larga, organização de Ana Leonel Queiroz, Ivete Lara Camargos, e Leda Lima Leonel, edição da SEGRAC-CINI. O livro pode ser comprado na Casa do Livro (Conic), telefone 224 1378; preço NCz\$ 7,00

## Trecho

Mundo acabou três vezes já.

Primeiro Guyan mandou chuva, depois Ngurá mandou queimar gente.

Aí quando mundo acaba, bicho aparece tudinho! Bicho vai chegando, chegando, chegando... Quando mundo vai acabar de novo, bicho vai muito aparecer.

Será quando bicho aparecer come gente?... Será onça vem encontrar gente? Não, come não! Fogo vem atrás dela e ela, onça, vai embora lá na frente de fogo. Nós também vai pra fente de fogo.

Primeiro arara vem voando muito voando, rabo queimado. Aí gente sabendo que mundo vai acabar. Aí bicho vem chegando muito cansado. Até rio cruza. Fogo cruza outro lado de rio... Não acredito não!

Meu vô viu. Fogo vem de Roosevelt de lá junto com sol, atravessa o céu até outro lado.

Por isso que índio tem espalhado muito... Porque índio muito correu na frente fogo.

Você viu aquela estrela grande? Pois então: ela cai e pega fogo lá em baixo.

Uma vez, quando índio morreu muito, eu vi que fogo vem assim vuuuuuu... vuuuuu... Fogo bem baixinho, espalhou muito, apagou na hora nã sei porquê. Não vem pegar no chão, né? Só na folha lá em cima. Parece estrela grande. Faz muito claro, farol, barulho. Eu tava no mato. Fui fazer tapiri (2), ficou com medo muito. Eu tava batendo timbó (3), depois fez assim.

Meu vô falou que bicho vem cansado. Onça tudo amigo gente, quando mato vai pegar tudinho fogo.

